

UM SÉCULO DE REPRESENTAÇÕES FEMININAS: A MULHER NAS PÁGINAS DA "REUISTA FEMININA" E DE "CLAUDIA"

Marcela Moreira Momi¹

Resumo

Esse artigo se propõe a discutir permanências e mudanças no discurso e conteúdo de revistas femininas brasileiras em um espaço de cem anos. Isso se dará pela análise de dois exemplares de periódicos desse segmento de grande circulação em suas respectivas épocas: o primeiro, um exemplar da *Revista Feminina* de fevereiro de 1918 e o segundo, um exemplar da revista *Claudia*, de outubro de 2018. A análise está pautada na leitura crítica de textos e imagens vinculados às revistas, organizando-os em quatro frentes: (1) a mulher e a casa, (2) a mulher e a família, (3) corpo de mulher: moda, beleza e saúde e (4) a mulher na sociedade.

Palauras-chaue: Revista Feminina; Representação feminina; Papel da mulher; Feminismo; Gênero.

INTRODUÇÃO

A Revista Feminina surgiu em São Paulo em junho de 1914, sob o título de A Luta Moderna, e esteve em circulação até dezembro de 1936 (MASCARO, 1982, p. 7), obtendo alcance nacional ao longo dos anos de sua existência. Foi a primeira grande Revista Feminina brasileira, sendo considerada precursora dos atuais periódicos desse gênero (BUITONI, 1986, p. 43-45).

Dirigido a mulheres adultas de classe média e da elite, o conteúdo do periódico era vinculado, principalmente, em forma de conselhos, como em um manual, a respeito de

Aluna de graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Atualmente, desenvolve a pesquisa de Iniciação Científica *Revista Feminina: domesticidade, gênero e taylorismo* sob orientação da Prof^a Dr^a Joana Mello de Carvalho e Silva e financiamento da Fapesp. E-mail: marcelammomi@gmail.com

determinados aspectos da vida das mulheres. Dentre esses, havia destaque para o papel da mulher como dona de casa, mãe e esposa; o seu papel e lugar na sociedade; e conselhos relativos aos cuidados com o corpo (higiene, saúde e estética). Além desse aspecto mais imperativo da revista, os demais conteúdos – como contos, poemas, curiosidades – também eram de grande representatividade, assim como as páginas dedicadas aos mais diversos anúncios.

O levantamento e catalogação de parte dos exemplares da *Revista Feminina* fazem parte da pesquisa de Iniciação Científica *Revista Feminina: domesticidade, gênero e taylorismo* atualmente desenvolvida pela autora. No entanto, nesse artigo, será analisado apenas o exemplar nº 45 correspondente ao mês de fevereiro de 1918.

Já a revista *Claudia* (1961 - presente), lançada pela Editora Abril, surge também direcionada à mulher de classe média urbana, geralmente casada, com poder de compra para adquirir os produtos e serviços anunciados em suas páginas (BUITONI, 2009, p. 105). Publicada em São Paulo como o primeiro título feminino da Editora Abril, a revista teria chegado às bancas com 164 mil exemplares, número alto para a época (FERREIRA, 2016, p. 42).

O periódico manteve os temas tradicionais – moda, beleza, decoração e culinária – mas logo em seus primeiros anos trouxe uma variedade maior de conteúdo, como os artigos da feminista Cármen da Silva, que traziam temas polêmicos como o divórcio e o direito ao prazer (BUITONI, 2014, p. 41). Dessa forma, buscava atender às novas demandas do seu público alvo, mas também se adequava às exigências do mercado, mantendo-se, de forma geral, com os temas do mundo doméstico (BUITONI, 1986, p. 50).

Logo, com quase sessenta anos de existência, a *Claudia* passou e está em constante processo de readequação às pautas de interesse das suas consumidoras e da sociedade. O Grupo Abril, em nota sobre sua história, destaca que a revista "focava inicialmente na dona de casa e, posteriormente, evoluiria para acompanhar as mudanças do perfil desse público" (GRUPO ABRIL, *online*).

Buscando analisar apenas o público mais atual da revista, nesse artigo será analisado apenas o exemplar de outubro de 2018. É necessário ter em vista que este pode não apresentar exatamente todos os temas ou discussões recorrentes nos demais exemplares do mesmo período, porém é representativo, em um panorama mais geral, da produção da revista na atualidade.

Dessa forma, o presente trabalho busca fazer o levantamento e discussão do conteúdo textual e imagético dos dois exemplares citados. Tomando-os como exemplo,

dada sua grande representatividade como periódicos femininos de suas respectivas épocas,

busca-se identificar mudanças e permanências no discurso e no conteúdo da imprensa

feminina brasileira no período de um século.

Para isso, a metodologia de leitura e análise dos exemplares será a mesma utilizada

para a análise somente da Revista Feminina na Iniciação Científica. É importante destacar

que tal decisão busca apenas compatibilizar o método de análise e catalogação do conteúdo

de ambos os periódicos, sem, no entanto, ausentar-se da atenção às particularidades do

momento histórico-cultural em que foram produzidos.

Sendo assim, os exemplares serão analisados a partir de quatro eixos temáticos: (1)

a mulher e a casa, considerando a presença e os deveres femininos como dona de casa, seus

interesses e responsabilidade pela culinária, pelos trabalhos manuais e pela limpeza e

decoração do lar; (2) a mulher e a família, abrangendo o papel e deveres da mulher como

mãe e esposa; (3) corpo de mulher: moda, beleza e saúde, principalmente no que se refere à

busca de um ideal de corpo feminino; e (4) a mulher na sociedade, considerando a presença

feminina na vida pública, fora da esfera privada do lar.

A MULHER E A CASA

Os temas relacionados ao mundo doméstico são recorrentes no que diz respeito à

produção de conteúdo para mulheres. Culinária, decoração, conforto e higiene dos espaços

e dos objetos do lar são alguns dos pilares do mundo doméstico, pelo qual a mulher foi

historicamente considerada responsável. Na mídia impressa, a expressividade desses temas

não foi diferente.

A Revista Feminina, por exemplo, contava com duas seções que representavam

explicitamente esse tema: "Como enfeitar minha casa" e "Trabalhos femininos". Ambas

apresentavam seu conteúdo na forma de exemplos de objetos, técnicas de costura, bordado

e demais trabalhos manuais, que poderiam ser confeccionados ou decorados pelas

mulheres. O próprio título "Trabalhos femininos" já sugere quem, dentro do lar, era a

pessoa responsável pela confecção de tais objetos.

No exemplar de fevereiro de 1918, a seção "Como enfeitar minha casa" (REVISTA

FEMININA, 1918a, p. 37) traz um modelo de cesta para papéis feita a partir de uma caixa

de madeira e coberta por um trabalho em macramê, a ser desenvolvido pela leitora. Na

seção "Trabalhos femininos" (REVISTA FEMININA, 1918a, p. 38-40), os destaques são os

objetos feitos com técnicas de costura para ornamentação do mobiliário doméstico:

espaldar para poltrona e coberta para "etagère". Além desses, também são mostrados

monogramas para serem bordados em "roupa de mesa ou de cama" e em guardanapos.

Todos os exemplos são acompanhados de textos explicativos sobre sua confecção.

O que todos esses objetos têm em comum é seu papel como parte constituinte da

ornamentação do lar e, consequentemente, da expressão da personalidade e presença da

dona de casa. Como apontado por Vânia Carneiro de Carvalho:

Todos os espaços da casa deveriam receber uma atenção especial na sua ornamentação. A maneira mais comum era a confecção de trabalhos manuais.

Com eles atestava-se a presença cuidadosa e amorosa da dona de casa

(CARVALHO, 2008, p. 69).

Juntamente com a ornamentação, à dona de casa era atribuída a responsabilidade

pelo conforto e pela higiene do lar. No exemplar analisado da Revista Feminina, há

também um texto intitulado "Economia doméstica" (REVISTA FEMININA, 1918a, p. 42),

no qual são descritas as etapas necessárias para a correta higienização de roupas brancas:

Diversas vezes temos tratado da economia doméstica, ensinando a maneira de ter certo conforto no lar sem pesar muito na bolsa do marido. Uma das coisas com que é preciso ter muito cuidado é a conservação da roupa de uso, de cama e mesa. (*REVISTA FEMININA*,

1918a, p. 42).

Já no século XXI, o mundo doméstico continua sendo um tema direcionado para o

público feminino. Na revista *Claudia*, o tema tem presença considerável, ganhando mesmo

uma seção específica identificada no sumário como "Casa&Cozinha". No exemplar de

outubro de 2018, os cuidados com o lar aparecem em exemplos de objetos e mobiliário nas

subseções "Vitrine" e "Decoração".

Em um primeiro momento, a diferença significativa entre essas páginas é que,

enquanto os objetos de decoração publicados na Revista Feminina eram fruto do trabalho

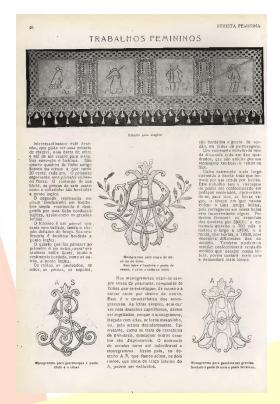
artesanal das próprias leitoras, os objetos anunciados na Claudia só podem ser adquiridos

mediante compra. Por isso, outra característica marcante é a presença de informações de

preço e marca – muitas vezes, grife – dos produtos anunciados. De forma mais explícita na

"Vitrine", essa particularidade evidencia a que tipo de público esse conteúdo se destina.

À esquerda: Figura 1. "Trabalhos femininos". *Revista Feminina*, n. 45, fev. 1918, p. 40. À direita: Figura 2. "Vitrine". *Claudia*, out. 2018, p. 138.





Fonte (Figura 1): Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fonte (Figura 2): Acervo da autora.

No entanto, algumas características de discurso mantém certa similaridade entre os dois exemplares. "Inspire-se nelas para dar uma pitada oriental à sua casa" (*CLAUDIA*, 2018, p. 138) e "More leve" (*CLAUDIA*, 2018, p. 152) são trechos que fazem parte de um discurso que ainda se mantém imperativo, mas de forma mais sutil que há cem anos. Assim, a revista traz uma série de exemplos de objetos e mobiliário que reforçam o ideal de domesticidade de sua época e de seu público-alvo, mantendo um discurso aconselhador e convidativo, com maior foco no consumo.

Por fim, outro ponto chave do mundo doméstico presente nas revistas femininas é a culinária. Na revista *Claudia*, as subseções "Invenções da Bettina", "Sabores do Brasil" e "Isto é saudável" reservam muitas páginas com fotografias e descrição de receitas. Além dessas, a subseção "Receitas", vinculada a uma matéria especial sobre a cultura e cozinha indiana, garante uma ampla variedade gastronômica.

Um século antes, a *Revista Feminina* também reservava páginas para o conteúdo culinário, considerado, já naquela época, de interesse feminino. O anúncio do "Adalius – o mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado" explicita o lugar da mulher frente à

culinária: "Elegante livrinho útil a toda dona de casa e de grande proveito para as moças" (*REVISTA FEMININA*, 1918a, p. 65).

Havia também uma seção recorrente sobre receitas na *Revista Feminina*: "O menu de meu marido", que, no entanto, não está presente no exemplar de fevereiro de 1918. Excepcionalmente nesse caso, será analisado o exemplar de março do mesmo ano. Nessa seção, estruturalmente semelhante às receitas da *Claudia*, são descritas as etapas de preparo de diversos alimentos.

À esquerda: Figura 3. "O menu de meu marido". *Revista Feminina*, n. 46, mar. 1918, p. 48 À direita: Figura 4. "Invenções da Bettina" *Claudia*, out. 2018, p. 142



Fonte (Figura 3): Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fonte (Figura 4): Acervo da autora.

O papel da fotografia para descrição dos pratos e convencimento da consumidora é essencial na revista *Claudia*, o que existia apenas na forma de desenhos na *Revista Feminina*, dadas as condições de desenvolvimento técnico da época. A diferença mais marcante, no entanto, talvez esteja nos próprios títulos dados a essas seções: enquanto o termo "Invenções de Bettina" coloca a mulher como protagonista e indica certa independência e criatividade dessa personagem, "O menu de meu marido" coloca o homem como foco da culinária desenvolvida pela mulher. Assim, pode-se dizer que a

expressão sintetiza o que se esperava dela como dona de casa e esposa, aspecto este que

será desenvolvido a seguir.

A MULHER E A FAMÍLIA

Além de seu papel como dona de casa, outra postura da mulher esperada pela

sociedade e consequentemente disseminada pelas revistas femininas, é a que diz respeito

ao seu papel familiar. Aspecto muito presente na Revista Feminina, esperava-se da mulher

uma série de ações e comportamentos, principalmente perante o marido e os filhos.

O artigo "Como a esposa consegue atrair o marido" (REVISTA FEMININA, 1918a,

p. 34) reforça: "Ser galante e boa dona de casa, eis duas qualidades indispensáveis a uma

mulher". A seguir, são listados conselhos para a esposa conquistar o amor do marido

diariamente e, assim, garantir um casamento feliz. O tom imperativo e aconselhador é

evidente:

Agradar sempre: deve ser esta a principal preocupação da esposa, e a isto se limita a galanteria conjugal. Essa galanteria conjugal não resulta apenas dos dotes de beleza física, que nem todas as mulheres possuem [...]. É galanteria conjugal ainda o cuidado que a esposa tem na boa disposição do interior doméstico, tornando-o agradável ao marido, para nele encontrar o conforto e os

atrativos que só o bom gosto da esposa soube dar à casa (REVISTA FEMININA, 1918a, p. 34).

Novamente, a preocupação com o ambiente doméstico torna a aparecer, dessa vez,

vinculada à necessidade de agrado ao marido. Assim como na seção de receitas "O menu

de meu marido", a figura da mulher é colocada em posição subordinada à figura masculina,

estando aquela sujeita à constante aprovação desta.

Em relação ao cuidado com os filhos, o exemplar de 1918 apresenta a coluna

"Decálogo infantil (conceitos que todas as mães de família devem saber de cor)" que lista

de forma didática, imperativa e amparada por conceitos higienistas, dez atitudes para evitar

"a maioria das enfermidades e das mortes das crianças". Chama a atenção, mais uma vez, o

tom aconselhador: "Dê-lhes o peito com regularidade [...]. Evite-se que as moscas e

mosquitos pousem nas carnes das crianças [...]. Dê-lhes um banho todos os dias [...] Não se

deve fazer-lhes cócegas [...]" (REVISTA FEMININA, 1918a, p. 47) são algumas das

expressões utilizadas.

O tema, no entanto, raramente aparece na revista Claudia e, quando isso ocorre,

<mark>não é com a mesma ênfa</mark>se do início do século XX. Diferentemente de "Casa&Cozinha", a

vida familiar não recebe uma seção dedicada exclusivamente a ela. Assim, no exemplar de outubro de 2018, o universo familiar aparece pontualmente apenas em duas das três entrevistas publicadas e em duas matérias dentro da seção "Comportamento".

A primeira entrevista, matéria de capa da revista, traz a chef Paola Carosella, jurada no programa *Masterchef*, em um texto sobre autoaceitação, a relação difícil com a mãe, a relação saudável com a filha, desafios e sucesso na carreira. Os demais pontos da entrevista serão analisados posteriormente, mas chama a atenção o foco para as relações familiares da chef e como estas fogem do padrão idealizado, principalmente a respeito da relação problemática entre mãe e filha (*CLAUDIA*, 2018, p. 80-87).

A segunda entrevista, com a atriz, diretora e ativista Angelina Jolie, traz quatro perguntas sobre feminismo e o papel da mulher, das quais duas são sobre cuidados com a educação dos filhos. Jolie, que recentemente manifestou seu desejo de interromper sua carreira para se voltar ao cuidado da casa e dos filhos, afirma que sentiu sua feminilidade aflorar quando se tornou mãe (*CLAUDIA*, 2018, p. 94-95).

Além das entrevistas, as matérias "Mãe de útero" e "Conexão de gerações", esta, na subseção "Família", representam outros dois momentos em que as dinâmicas familiares são colocadas em jogo. A primeira, a respeito da adoção de embriões por casais com dificuldade para engravidar, e a segunda que dita quais devem ser a postura correta dos pais frente ao contato cada vez maior e mais precoce da criança com as redes sociais.

O que se observa é que quando o universo familiar é abordado, o enfoque se dá nos temas relacionados à maternidade, não se voltando em nenhum momento para os relacionamentos amorosos e sexuais ou para o casamento. A presença de um marido ou companheiro, ou mesmo de uma companheira, que é citada em uma das páginas, dá-se mais como complemento de informação que como assunto central.

Esse é o principal ponto de divergência em relação à *Revista Feminina*. Nela, os textos relacionados ao universo familiar eram bastante voltados aos papéis femininos e masculinos dentro do lar e ao adequado comportamento da esposa perante o marido. O cuidado com os filhos também é um tema forte e, assim como o papel feminino de esposa, eram trazidos ao público com claro viés moralista e religioso, lógica também presente nas matérias a respeito do corpo e da imagem da mulher.

CORPO DE MULHER: MODA. BELEZA E SAÚDE

Os temas relacionados à imagem da mulher e como esta se projeta para o mundo exterior e para si mesma enchem, em maior ou menor grau, as páginas das revistas femininas. A busca por um ideal de beleza, muitas vezes associado à higiene, saúde e moda, é um tema atual e amplamente debatido, mas já era recorrente em 1918, nas páginas da *Revista Feminina*.

A beleza era frequentemente colocada como característica inerente ao sexo feminino, o "sexo encantador". Nessa chave, "O sorriso", artigo que aparece no exemplar de fevereiro de 1918, pontua a importância de um sorriso perfeito para uma mulher, listando diferentes formas de se sorrir e seus significados, mas também elogia a autenticidade do sorriso e do sentimento de cada uma. Além disso, a autora pontua: "Atrevo-me até a dizer que de um sorriso depende em muitas ocasiões o futuro de uma mulher" (REVISTA FEMININA, 1918a, p. 44).

Além da beleza inerente à mulher, a moda tem grande destaque nas páginas dedicadas à imagem do corpo. Uma das seções fixas da revista é "A moda", que trazia as novidades e tendências de vestuário com base no que era consumido, principalmente, na Europa e nos Estados Unidos da América. Com discurso aconselhador, o texto se apoiava nos princípios de bom gosto e decoro para elencar exemplos de peças para diversas ocasiões. Nessa seção, o conteúdo imagético é essencial.

No exemplar de fevereiro de 1918, a seção foca na confecção ou aquisição de um enxoval, exaltando seu significado idealizado como objeto de desejo da mulher, que um dia há de ser noiva: "Preparar um enxoval! Palavra evocadora de sonhos róseos aos ouvidos de uma moça, como promessa de um futuro feliz". Há também a defesa de que a própria mulher costure seu enxoval, fazendo-o "com alegria, com emoção, a fim de que, quando vierem os anos, revivais contemplando as diversas peças de vosso enxoval, as horas felizes" (*REVISTA FEMININA*, 1918a, p. 39).

O tom aconselhador e a persuasão baseada em princípios morais e religiosos são duas principais características do discurso da *Revista Feminina* de forma geral. Com os assuntos do corpo, não era diferente. O discurso moralista, que prevê comportamentos recatados e submissos da mulher, é explicito no artigo "A moral do vestuário". Nele, a autora, que assina como M. B., critica a ousadia de alguns novos modelos de vestuário, criticando, também, a aceitação por parte da sociedade:

Se a mulher, dia a dia, vai recatando menos as suas linhas, se, cada vez mais, vai entremostrando, de uma forma alarmante, encantos que deveriam, ficar ocultos, os responsáveis somos nós, que preferimos a embriaguez lasciva ao prazer honesto, que prezamos mais a formosura exibida com escândalo do que a beleza que se amuralha na timidez (*REVISTA FEMININA*, 1918a, p. 46).

Por outro lado, o mesmo exemplar trazia ainda uma opinião oposta a essa, menos pautada no julgamento moral do vestuário, e em defesa da praticidade e utilidade das roupas. Na seção "Jardim Fechado", espaço reservado para cartas de leitoras sobre variados assuntos, uma leitora (M. L.) defende enfaticamente as saias curtas:

Digam o que disserem a respeito das saias curtas, caluniando-as como atentatórias do decoro feminino, eu, apesar dos meus anos e da atitude imposta pela minha idade, continuo a preferi-las [...]. Essas saias são cômodas e higiênicas. A sua comodidade eu ponho à prova todos os dias quando vou à cidade a compras e ando com meus movimentos desembaraçados, sem ser forçada, como antes, a ocupar uma das mãos em mantê-las sofraldadas por causa do pó. [...] a civilização moderna, baseada no trabalho, na higiene, nos exercícios desportivos, precisa impor a sua moda. Os que reclamam contra as saias curtas, são retrógados (*REVISTA FEMININA*, 1918a, p. 62).

À esquerda: Figura 5. "A moda". *Revista Feminina*, n. 46, mar. 1918, p. 39. À direita: Figura 6. "Pesquisa de moda". *Claudia*, out. 2018, p. 76.



Fonte (Figura 5): Acervo do Arquivo Público do Estado de São Paulo. Fonte (Figura 6): Acervo da autora.

Um século depois, as preocupações com o corpo mantiveram seu lugar como um dos temas mais abordados pela imprensa feminina. Na revista *Claudia* de outubro de 2018,

elas ganham duas seções exclusivas – "Moda" e "Beleza" – com mais de vinte páginas de

conteúdo voltado à estética e à saúde.

Novamente associadas à subseção "Vitrine", e também em outras, os modelos de

roupas, sapatos, relógios, maquiagem e produtos para o cabelo e pele são colocados como

referencial de beleza ao mesmo tempo em que se chama a atenção para o seu preço e

marca. Logo, mais que a disseminação de um ideal de beleza, procura-se também divulgar

e impulsionar as vendas de certos produtos, preocupação que existia, mas não era tão

visível na Revista Feminina.

Por outro lado, a revista traz indiretamente em seu discurso – seja escrito ou visual

- sua posição a respeito das discussões sobre autoaceitação e a crítica à busca pelo corpo

perfeito. Na sua capa, a mensagem é clara: "Amar a si mesma". Também traz a fotografía

de uma mulher com mais de quarenta anos, usando um maiô e afirmando que demorou a

aceitar algumas de suas características físicas.

No interior da revista, a chamada da matéria de capa explica:

Em outubro, *CLAUDIA* associa-se à Natura em uma iniciativa para reforçar a autoestima e ampliar a consciência sobre os padrões do corpo feminino. [...] Convidamos a chef Paola Carosella para participar e contar como aprendeu a

gostar de si mesma (*CLAUDIA*, 2018, p. 78).

Em seguida, a matéria "A onda do maiô verde", também em parceria com a

empresa de cosméticos Natura, traz dados estatísticos sobre a insatisfação das mulheres em

relação a seus corpos e defende:

Cada corpo traz uma biografia. Por isso, é importante lê-lo com atenção para reconhecer, aceitar, abraçar sua história. Sabe aquele pneuzinho que você ganhou depois de uma viagem deliciosa de férias? Ou aquelas estrias que apareceram na gravidez? São marcas que recontam sua vida. Orgulhe-se delas (*CLAUDIA*,

2018, p. 89).

A MULHER NA SOCIEDADE

Por fim, a abordagem da figura feminina fora do ambiente privado e doméstico é

um tema que vem ganhando cada vez mais espaço nas revistas femininas. Desvincular a

mulher do mundo doméstico, do lar e da família e dar visibilidade para os espaços que ela

ocupa na vida pública, política e profissional faz parte da proposta de diversos segmentos

da mídia atual voltada para o público feminino.

Mas já em 1918, os feitos da mulher no mundo público eram recebidos com elogio

pela Revista Feminina, com algumas ressalvas. No exemplar de fevereiro daquele ano, o

editorial de título "A mulher brasileira na guerra", escrito por Claudio Souza sob

pseudônimo de Anna Rita Malheiros (BESSE, 1999, p. 163) traça as possíveis frentes de

atuação das mulheres na guerra, que à época, ocorria na Europa.

Na guerra atual o papel da mulher tem sido de dupla energia, [...] energia 'estática', que é a que se limita a consolar a curar nos hospitais de sangue, e a energia 'dinâmica', a que produz novas forças bélicas, e que equivale ao esforço

masculino para a vitória. [...] Seu papel na guerra atual tem sido preponderante e

quase decisivo; sem ela, faltaria o alimento e a veste ao soldado! O alimento e a

fé aos canhões (REVISTA FEMININA, 1918a, p. 11).

Há também a matéria "Vencem as mulheres na Inglaterra e nos Estados Unidos!

Direito ao voto", na qual a revista elogia as conquistas do movimento sufragista. No

entanto, é clara quanto a sua intenção:

A nossa Revista não é animada por um programa ultrafeminista, nem veio a campo para reivindicações. Anima-nos, ao contrário, um sentimento conservador e religioso, que é a feição geral da mulher brasileira, sem, no entanto, deixarmos de acompanhar com interesse e entusiasmo, as conquistas pacificas que o nosso sexo vai adquirindo de par com a

evolução natural da espécie (*REVISTA FEMININA*, 1918a, p. 18).

Há, por último, uma matéria sobre as possibilidades de empregos para mulheres nas

indústrias durante a guerra. Ainda que as condições não se aplicassem diretamente para as

mulheres brasileiras, é interessante notar como o emprego feminino passa a ser cada vez

mais aceito e incentivado, sendo que algumas décadas antes, a mulher ser empregada era

motivo de vergonha para famílias pertencentes à classe média.

Seja para preencher a lacuna deixada pela evasão da mão de obra masculina em

tempos de guerra, para complementar a renda da família ou para fugir do tempo ocioso, o

emprego feminino é bem aceito pelo modo de vida burguês. De forma geral, às mulheres

eram reservados empregos que representassem uma extensão do seu papel familiar

(BESSE, 1999, p. 145), muitos dos quais faziam parte da "energia estática" citada no

trecho acima.

A postura da sociedade frente ao emprego feminino sofreu tantas mudanças ao

longo do último século, que hoje a revista Claudia é uma Revista Feminina que apresenta

"Carreira" como título de uma de suas cinco seções. Nela, em uma matéria intitulada "Ser

empreendedora no país", são apontadas as principais características das mulheres

empreendedoras e os desafios enfrentados por elas. O perfil de uma dessas sintetiza a

realidade da mulher que decide abrir seu próprio negócio:

Joana é uma empreendedora de 39 anos, com curso superior, casada e tem filhos. Como a maioria das mulheres brasileiras, assume também a responsabilidade de administrar as tarefas do lar. Decidiu abrir o próprio negócio para conciliar

carreira e família [...] (CLAUDIA, 2018, p. 122).

Dessa forma, com o elogio e o incentivo para o desenvolvimento profissional,

reforçado pelos exemplos de mulheres bem sucedidas profissionalmente - como Paola

Carosella e Angelina Jolie entrevistadas na mesma edição -, uma nova demanda passa a

aparecer nas modernas revistas femininas. Assim, além das exigências do mundo

doméstico, o mundo público também passa a ser território de presença feminina, criando

uma série de expectativas da sociedade sobre essa figura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Três grandes eixos sustentam a imprensa feminina: moda, casa e coração. O vestir, o morar, o sentir. Apesar de dois dos temas serem ligados à aparência exterior — moda e casa constituem um exterior ainda pouco ligado ao mundo do

exterior – moda e casa constituem um exterior ainda pouco ligado ao mundo do trabalho. Coração é o tema mais interior, relacionado à subjetividade e ao sentimento. [...] Cuidar do corpo – a preocupação com a beleza – faz parte do

coração, enquanto gostar de si própria, mas também se dirige à aparência exterior (RUITONI 1986 p. 68)

exterior (BUITONI, 1986, p. 68).

Em seu estudo de 1986, Dulcília Buitoni apontava três eixos temáticos que

formavam a imprensa feminina. É claro que, com as mudanças na sociedade e novas

demandas das leitoras, é esperado que a imprensa feminina busque abordagens mais

diversificadas, para além desses três eixos. Uma dessas, que foi identificada aqui, é a vida

profissional, o desenvolvimento de carreira.

No entanto, ainda que exista maior diversidade de assuntos de interesse geral, como

cultura, política e economia, percebe-se que os três eixos apontados por Buitoni continuam

hegemônicos, mesmo na imprensa feminina mais progressista. Da mesma forma, algumas

características de discurso guardam certa semelhança entre os dois exemplares analisados,

como o discurso em tom aconselhador e imperativo, que, de certa forma, manteve-se.

Em um primeiro momento, com a Revista Feminina, o convencimento da leitora se

dá pelo tom de confidência com o qual a revista se dirige a ela, e também pelo uso

constante do modo imperativo, o que acaba por criar um periódico muito parecido com um

manual. A argumentação apoiada na moral religiosa cristã e nos conceitos higienistas

também aparece como parte da estratégia de convencimento da leitora.

Posteriormente, com a Claudia, o convencimento da leitora se dá a partir do

consumo, pelo casamento de imagem com informações de preço e marca do produto ou

serviço. Além disso, o discurso se aproxima da leitora quando se apoia em depoimentos de

outras mulheres – e ainda, de personalidades famosas – para legitimar determinado

posicionamento.

A imprensa feminina sofreu claras transformações ao longo de cem anos. No

entanto, a estrutura básica dos periódicos não passou por alterações significativas,

mantendo os temas do mundo doméstico, da família e dos cuidados com o corpo como que

naturalmente de interesse feminino. Ao que parece, a abordagem de temas desvinculados à

vida doméstica pelos periódicos femininos ou mesmo os avanços de produção de conteúdo

para uma imprensa não generificada caminham a passos lentos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESSE, Susan K. Modernizando a desigualdade: reestruturação da ideologia de gênero

no Brasil, 1914-1940. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

BUITONI, Dulcília Schroeder. Imprensa Feminina. São Paulo: Editora Ática, 1986.

. Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira.

São Paulo: Summus, 2009.

. Revistas femininas: ainda somos as mesmas, como nossas mães.

Communicare: Revista do Centro Interdisciplinar de Pesquisa da Faculdade Cásper

Líbero, São Paulo, v. 14, n. 1, pp. 36-44, 2014.

CARVALHO, Vânia Carneiro de. Gênero e Artefato: O sistema doméstico na perspectiva

da cultura material – São Paulo, 1870-1920. São Paulo: Editora da Universidade de São

Paulo/FAPESP, 2008.

CLAUDIA. São Paulo: Editora Abril, ano 57, n. 10, out. 2018.

FERREIRA, Bruna Cristina. O jornalismo nas revistas femininas Claudia e Marie

Claire. Os conceitos de beleza e saúde aplicados ao corpo feminino e ao controle do

comportamento da mulher. Dissertação de mestrado. São Paulo: Escola de Comunicações e

Artes, Universidade de São Paulo, 2016.

GRUPO ABRIL. Quem somos. História. Pioneirismo, mulheres e sociedade. Disponível

em: http://abril.assineabril.com.br/grupoabril/historia.html>. Acesso em: 23 Nov. 2018.

MASCARO, Sonia de Amorim. A Revista Feminina: imagem de mulher. Dissertação de

mestrado. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo,, 1982.

REVISTA FEMININA. São Paulo: Empresa Feminina Brasileira, n. 45, fev. 1918 (1918a).

REVISTA FEMININA. São Paulo: Empresa Feminina Brasileira, n. 46, mar. 1918 (1918b).